DESARMADA

vol 4. ano 1. Setembro.2019

Editorial

Nuno Nabais

Três grandes acontecimentos marcam o final do mês de Setembro e o início de Outubro.

No dia 28 de Setembro, a segunda edição do Festival de Kora. Os grandes virtuosos deste instrumento antiquíssimo que, sobretudo na África ocidental, acompanhou durante séculos os grandes cerimoniais e a cadência das narrações passadas de geração em geração, vão reunir-se de novo nas várias salas de concerto e na esplanada Espinosa.

A 3 de Outubro será inaugurada uma nova Livraria da Fábrica. Depois de 50 anos, a Editora Ulmeiro (um catálogo com mais de 500 títulos), que era também uma livraria de referência na Av. do Uruguai em Lisboa, foi despejada pelo senhorio. Tornou-se urgente oferecer-lhe um abrigo na Fábrica. Vai ocupar várias salas com os seus milhões de livros. A festa de abertura contará com palestras, leituras e muito vinho.

E, no final do dia 5 de Outubro, Roberto Machado, que é o nosso filósofo residente nos meses de Setembro e Outubro, fará a apresentação do seu livro Impressões de Michel Foucault. No dia 9 de Outubro apresentará também uma palestra sobre “Proust, o amor e a música”. Esta palestra marca o recomeço das nossas sessões de quartas-feiras do Curso Livre de Filosofia Contemporânea.

De cada um destes 3 grandes acontecimentos a Desarmada deste mês dá notícia mais detalhada.

Temos ainda um texto crítico de balanço da exposição colectiva Loss & Lucidity onde Anita Pinto (nova colaboradora para a área das exposições) se deixa maravilhar pelos momentos mais fortes de algumas das obras que estiveram expostas na Fábrica nos meses de Agosto e Setembro. É um aprofundamento do trabalho que o Felipe Raizer, desenhador gráfico e principal co-criador da nossa revista, tinha realizado com cada um dos 59 artistas no número de Agosto da Desarmada.
Raquel Lima (responsável pelo secretariado da Escola de Música) reconstitui pequenas memórias das várias representações da peça 3 e um Quarto que, numa Sala Woolf sempre lotada, nos obriga a prolongar esta experiência de um teatro mínimo para três actores.

Vida, para íntimos

Raquel Lima

Das mais pequenas salas da Fábrica Braço de Prata, a Virgínia Woolf tem 36 metros quadrados. «Ouve-se o barulho dos autocarros a passar na rua», avisou de imediato a produtora Barbara Rocha ao apresentar o espaço a João Ascenso. Naquela tarde quente deste verão, entretanto, o dramaturgo e encenador já tinha decidido e sacramentado que o espaço baptizado em homenagem à ensaísta e escritora britânica seria palco da encenação de "3 e um quarto" - uma produção da Trópico de Artes, com produção executiva de Miro Silveira.

A Woolf - com as suas três janelas, paredes rugosas, piso de padrões geométricos em tons vermelhos e onde está patente, até meados de Setembro, parte da exposição "Loss and Lucidity" - foi realmente uma boa escolha. A pequena sala agiganta-se por ser um cenário orgânico para um texto tão intimista, a ponto de transformar quem vê num quase-vouyer. Trinta e seis metros quadrados de tamanha importância para João Ascenso que ganharam espaço no título.





«Não é que não adore assistir a espectáculos em salas de teatro, e nada contra eu fazer espectáculos aí, mas gosto que os meus textos estejam despojados do volume das cadeiras, da talha dourada das paredes», conta. «Porquê?», perguntamos. «Porque acho que o teatro cabe em qualquer lugar. Mesmo. E temos de cortar estes preconceitos».

O cenário minimalista tem ainda uma cama, duas malas, dois candeeiros, duas cadeiras, uma mesa. É que "3 e um quarto" é, na mesma medida, um espectáculo em que «o diabo mora nos detalhes», como dita o provérbio. A Woolf não é a única a «crescer em cena». O texto de seis personagens é interpretado por três. «Para esta loucura» o encenador conta que convidou Anaísa Raquel, Ricardo Brito Diniz e Ricardo Lérias. E os três desdobram-se em diferentes atormentados, com subtilezas da comédia ao drama, passando pelo nonsense.

"Seis... quase meia", peça que abre as sessões, sempre às 22h, é sobre um casal a discutir durante as primeiras horas da manhã, enquanto sabemos que naquele quarto, naquele bairro, o sonho pode cheirar a lixívia. "O turno" traz colegas que passam a noite insones a discordar sobre tudo e sobre nada. Em perfeita sincronia. "Não há culpa" apresenta um casal poderoso na situação quotidiana de assistir ao fim do mundo a mudar os canais da televisão, enquanto mágoas passadas são desenterradas.

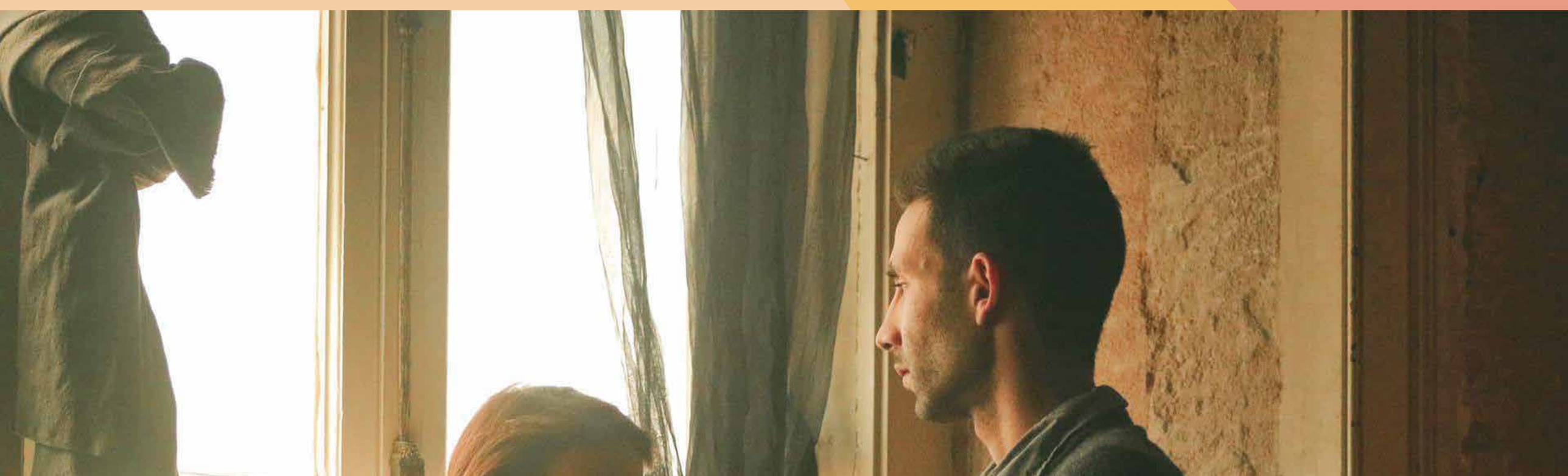
Culpa é, aliás, algo que se aconselha a deixar à porta da Woolf, antes de se sentarem num dos quarenta lugares da plateia. Um desafio para o ADN judaico-cristão, mas o texto, ágil, sarcástico e profundo de João Ascenso, tem como proposta inquietar e, neste périplo, adentra também no campo da religião, no último dos três actos. «É uma comédia, aviso sempre. E a questão aqui não é o divino, mas o uso que se faz dele».





“Seis... quase meia” e “Não há culpa” são quase estreias. Foram apresentadas apenas uma vez, em Julho passado. Já “O turno” foi escrita, «rapidamente e com prazer», como revelou o dramaturgo, especialmente para a montagem na Fábrica. «Sentia que faltava um pedaço», completou. Encontraste-o, João Ascenso, e quem assiste a “3 e um quarto” também poderá fazê-lo.

+informações
“3 e um quarto”
Onde: Sala Woolf
Quando: De 4 a 25 Setembro, às 22h (não será permitida a entrada após o início da sessão)
Bilhete: 7 € (dá acesso à programação da noite na Fábrica)
Classificação Etária: M/12

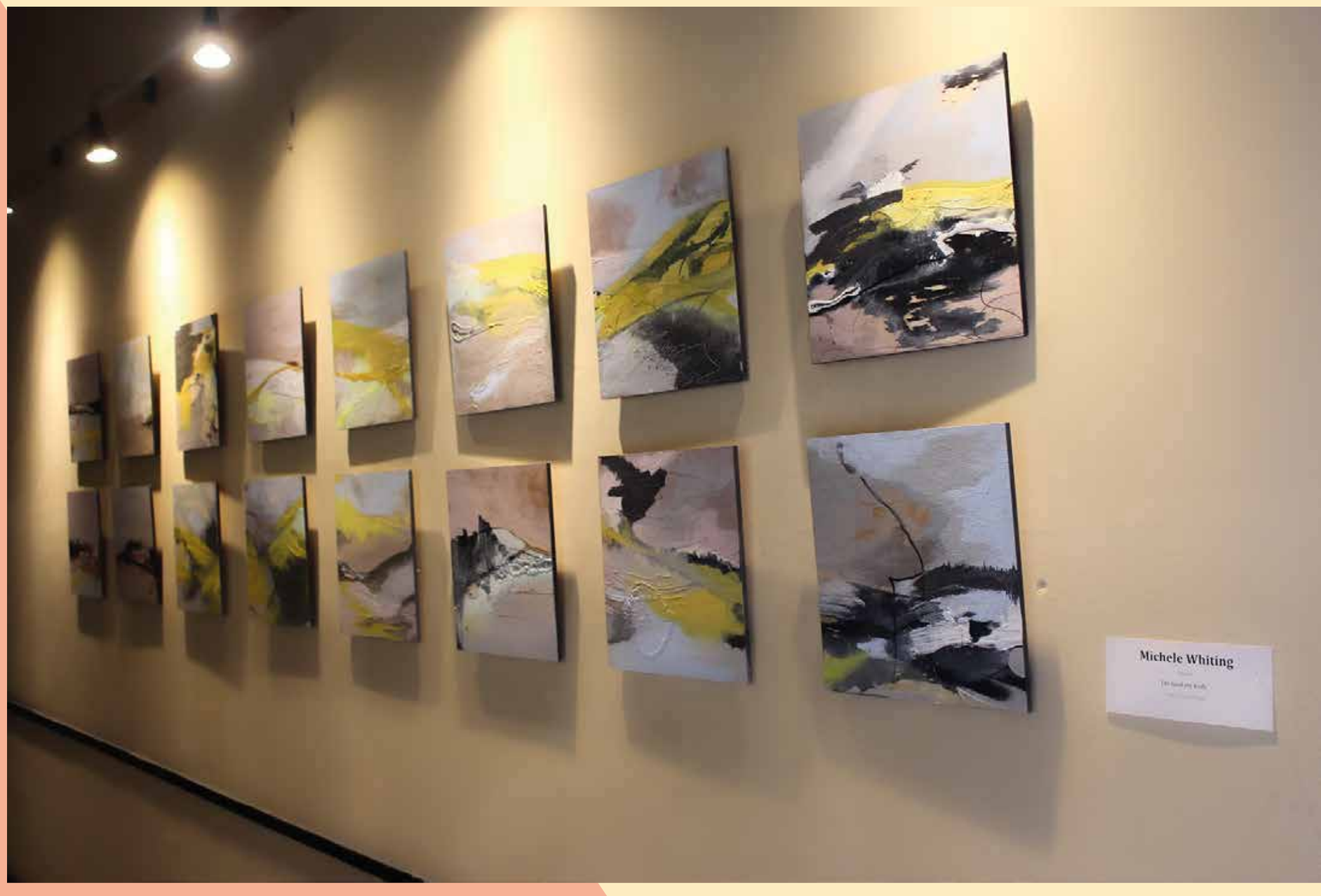


Entre a lucidez e a desorientação

Anita Pinto

Loss & Lucidity é a exposição que envolve todas as salas e corredores da Fábrica durante os meses de Agosto e Setembro. A mostra internacional, que abriga mais de 50 artistas, tem curadoria da também artista britânica Diana Ali, e já passou pela Santa Ana College Art Gallery (USA) e Appleton Box em Lisboa.

As obras reunidas nos mais diversos formatos exploram a dicotomia do aparecer e do desaparecimento, das bifurcações e do vazio gerados pela ausência da matéria, de algo subjetivo ou de alguém. Toda a exposição é conduzida num tom melancólico, elegante, e conta-nos sobre estratégias e metodologias de recuperação, de sobrevivência, escapismo e reinvenção, sob o viés da tentativa de um estado lúcido diante a complexidade, no reconhecimento de se estar nestes processos.



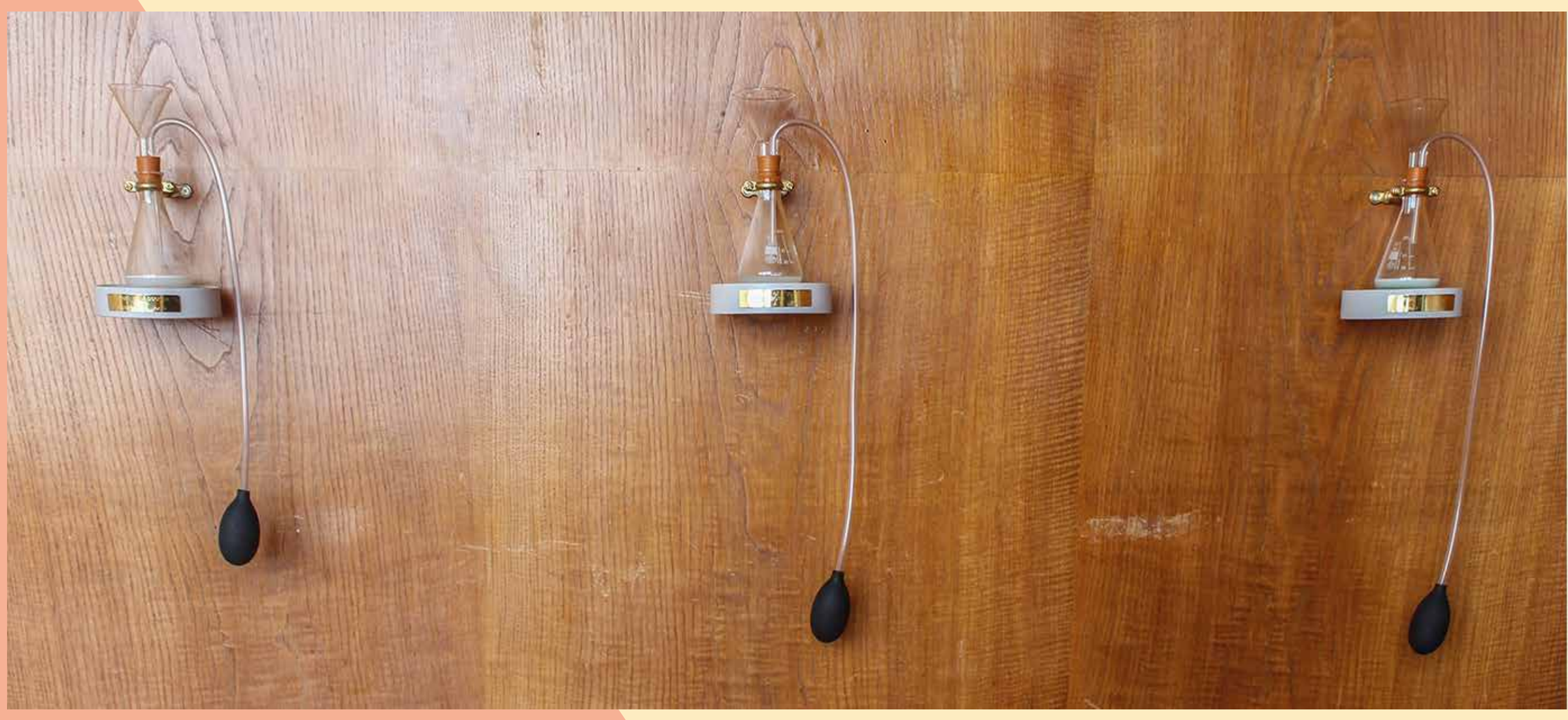
Um dos trabalhos em destaque é o políptico de Michele Whiting (UK). Paisagem, corpo e a própria tinta confundem-se como uma miragem numa paleta de tons pastéis sobre o suporte de madeira. O relato pictórico é sobre o desaparecer de lembranças que se perdem na memória. Como o efeito do tempo interfere nos olhos da mente que extrai lembranças já transformadas através de uma simbiose causada por elementos do próprio inconsciente.



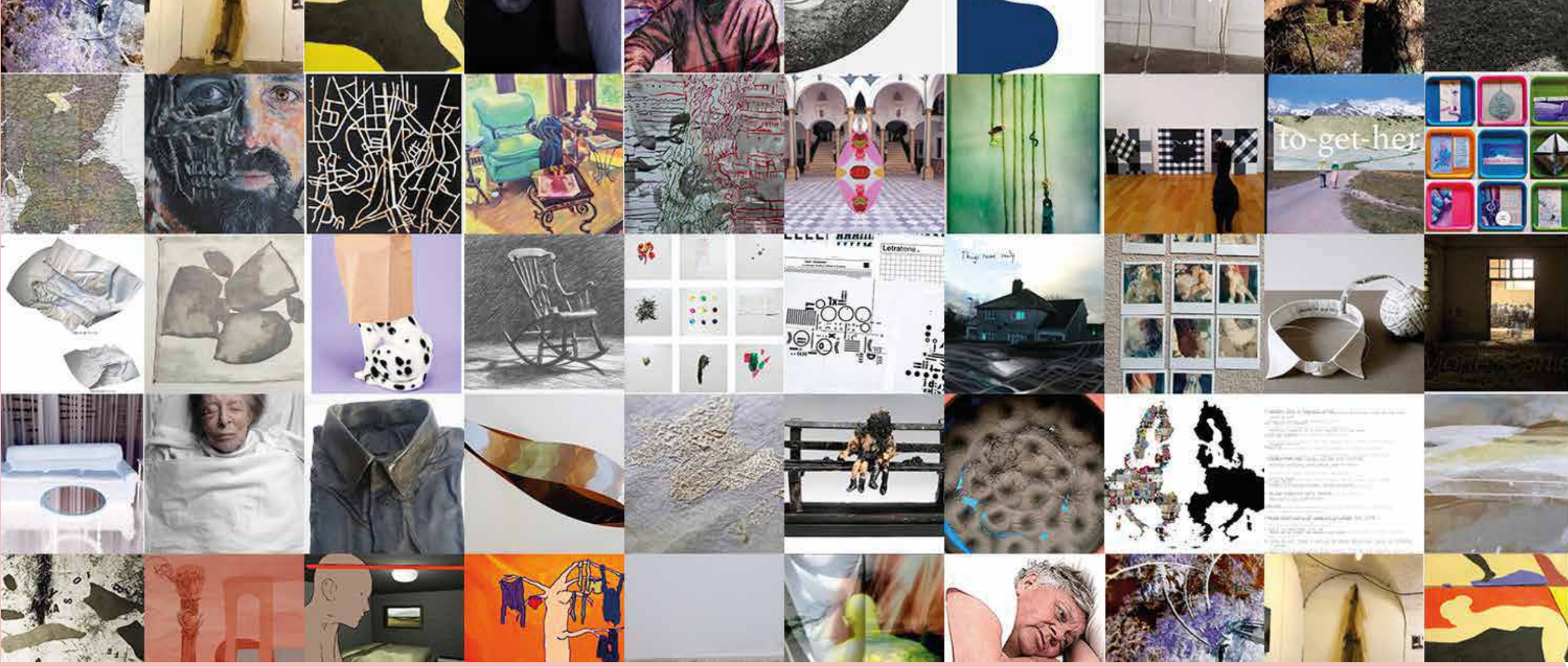
A impressão do tempo marcou também o tecido que guardava o leme de um barco na obra de Anwyl Cooper-Willis (UK). A marca prova a sobrevivência do condutor do barco perdido, que aqui já não está. O tecido guarda uma sombra do objecto, traduzindo a sua fragilidade.



Na sala Beauvoir, é possível experimentar a instalação olfativa de Victoria Jones (UK). A obra, comissionada através do departamento de Geo-Humanidades da Royal Holloway University, convida-nos a reflectir sobre o movimento crescente e acelerado de recursos naturais, como a areia, de um local para outro, para fins urbanos. O deslocamento cria uma ausência num sítio, a presença no outro. Um vazio e uma forma que interrompem um equilíbrio. A pergunta é: O que aconteceria se esses processos fossem retardados, suspensos ou interrompidos?



Passando pelas diversas salas da Fábrica é possível encontrar outros imensos trabalhos de histórias e caminhos ancorados no passado. Em tempos em que lidamos com o esquecimento de valores humanos essenciais, há bons motivos para explorar a exposição e reforçar a importância de estar lúcido diante da perda, e lembrar de não nos perdermos também.



Desarmada conversou com Michelle Whitting acerca da complexidade do seu trabalho:

• Como desenvolve a sua abstracção?

A abstracção desenvolve-se a partir da caminhada; andando por muitas horas e quilómetros de 25 a 55 km. Os trabalhos subsequentes são uma observação do tempo gasto e das paisagens vistas. Elas são interiores no sentido em que dependem da memória residual e, frequentemente, da familiaridade de uma área ou local específico. O tempo gasto andando num ambiente deixa traços nos olhos da mente e é aqui que as noções de abstracção tomam forma.
No espaço do estúdio, o processo consiste em ter acesso a essas im-pressões através do trabalho com memória e saturação para re-experimentar, re-sentir, através da acção de desenhar em estúdio. Não uso material de referência, fotografias ou esboços neste modo de trabalhar, mas uso o movimento do meu corpo (voltando ao movimento da caminhada) para inflamar e calibrar as memórias como gestos do caminhar. Caminhar é fazer, e fazer é caminhar neste cenário.

• De onde tira as inspirações para as paisagens que vemos no seu trabalho?

A inspiração vem de colocar um pé à frente do outro. O objectivo é trabalhar fora da estética esperada e tentar buscar uma relação directa entre o movimento corporal e o desenho através do canal da memória. A cor vem do cheiro, dos códigos visuais que vemos na natureza e da sensação da caminhada. Da mesma forma, as formas são arrastadas da memória, provocadas pelos movimentos corporais, e podem ser capturadas na superfície da estrutura de desenho / pintura. Eles são especulativos num sentido positivo.

• Poderia falar um pouco do trabalho que desenvolve no colectivo "Space, Place and Practice"?

Space Place Practice é um coletivo de pesquisa que se reúne três ou quatro vezes por ano para considerar as complexidades desta área. Somos uma rede que abrange a metade inferior do Reino Unido. Temos cerca de 20 membros aproximadamente. Reflectimos sobre a prática artística e engajamentos teóricos, escrevemos, fazemos e sonhamos e, ao fazê-lo, pretendemos promover o desenvolvimento criativo dos nossos membros através do discurso, envolvimento e incentivo.
Pode ver o nosso site novo e em desenvolvimento em www.spaceplacepractice.com

• Como é expor num espaço experimental como a Fábrica Braço de Prata?

Gostei muito de ver o trabalho na Fábrica num edifício histórico e generoso; o uso de madeira prensada como suporte para o trabalho e a natureza colectiva das obras - as obras no corredor do andar de cima e as quatro na sala do andar de baixo - adequam-se à arquitectura e, principalmente, ao espírito do local. Eu estava interessada em ver estes trabalhos fora do Reino Unido, para ver como eles se traduziriam e se sentiriam culturalmente, é muito bom vê-los num local tão acessível.
Também fiquei impressionada com o quão revigorante era vê-los em relação com a música / jazz, uma vez que se encaixavam de alguma forma em termos de movimento e ritmo - deu-me algo para pensar.

O jazz como verbo

Raquel Lima

«No princípio era o Verbo», mas, na Escola de Música, o verbo, descrito como Deus no Evangelho de João, é o jazz. Este género musical está na origem, na criação, na génese deste que é um dos mais antigos projectos da Fábrica.

A Escola de Música foi materializada em 2017, para democratizar o ensino desta vertente musical que é parte da nossa programação semanal há 12 anos.

Sob direcção do professor Ricardo Pinto, o chamado Curso de Jazz foi estruturado em três anos.

Neste Setembro, que é testemunha do começo do ano de formatura dos primeiros alunos da Escola, o Curso de Jazz abre as portas com novidades. Somos agora mais de 40 aprendizes do jazz e dispomos de duas novas disciplinas: Combo Latin Jazz, capitaneado pelo pianista cubano Victor Zamora, e Band Coaching.





Importantes artistas do cenário português, como o contrabaixista Nelson Cascais, o guitarrista André Fernandes, a cantora Minji Kim, o baixista Leo Espinosa, juntam-se ao elenco de professores, que inclui os bateristas Luís Candeias e Rogério Pitomba, os pianistas Óscar Graça, Cláudio Andrade e Rui Caetano, o saxofonista António Bruheim, a cantora Catarina dos Santos, o guitarrista Javier Subatin, o especialista em História do Jazz Virgílio Mora e o filósofo Nuno Nabais, que propõe um pensamento teórico sobre a música fora das pautas, na cadeira de Filosofia da Música.

O Curso Clássico chega ao segundo ano, com mudanças: para além das aulas de instrumento como piano, guitarra, bateria, baixo eléctrico, contrabaixo e canto, oferece violino, violoncelo, fagote, tuba, trompa. O Clássico contempla ainda Formação Musical e a opção de um curso completo, estruturado em três ou cinco anos, para crianças e adultos. Para alunos dos 3 aos 99 anos, os nossos palcos são salas de aula.

ESCOLA MÚSICA
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

A imagem ao fundo desta página serve como memória do primeiro Kora Fest, realizado em janeiro deste ano. Oito meses depois deste evento, a Fábrica Braço de Prata dedicará novamente os seus espaços, palcos, e ementa à harpa de África Ocidental.

O que é a Kora?
Historicamente, a harpa de 21 cordas era dedilhada em rodas de homens durante a narração de feitos de grandes batalhas ou acontecimentos na região do Rio Gâmbia, mas também em Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali e Senegal. Foi (e ainda é) um importante instrumento de comunicação.

FBP APRESENTA

KORA FEST

PELA SEGUNDA VEZ EM LISBOA

KORA ORCHESTRA

DEMBA GALISSÁ

MBYE EBRIMA & SANDRA MARTINS

BUBACAR DJABATE

MAIO COOPÉ



Setembro

28

16H

entrada
7,5€

MAIS

ARTE AFRICANA- AULAS DE DANÇA- FOLCLORE- MERCADO
COMIDAS TÍPICAS - ROUPAS - MASTERCLASS

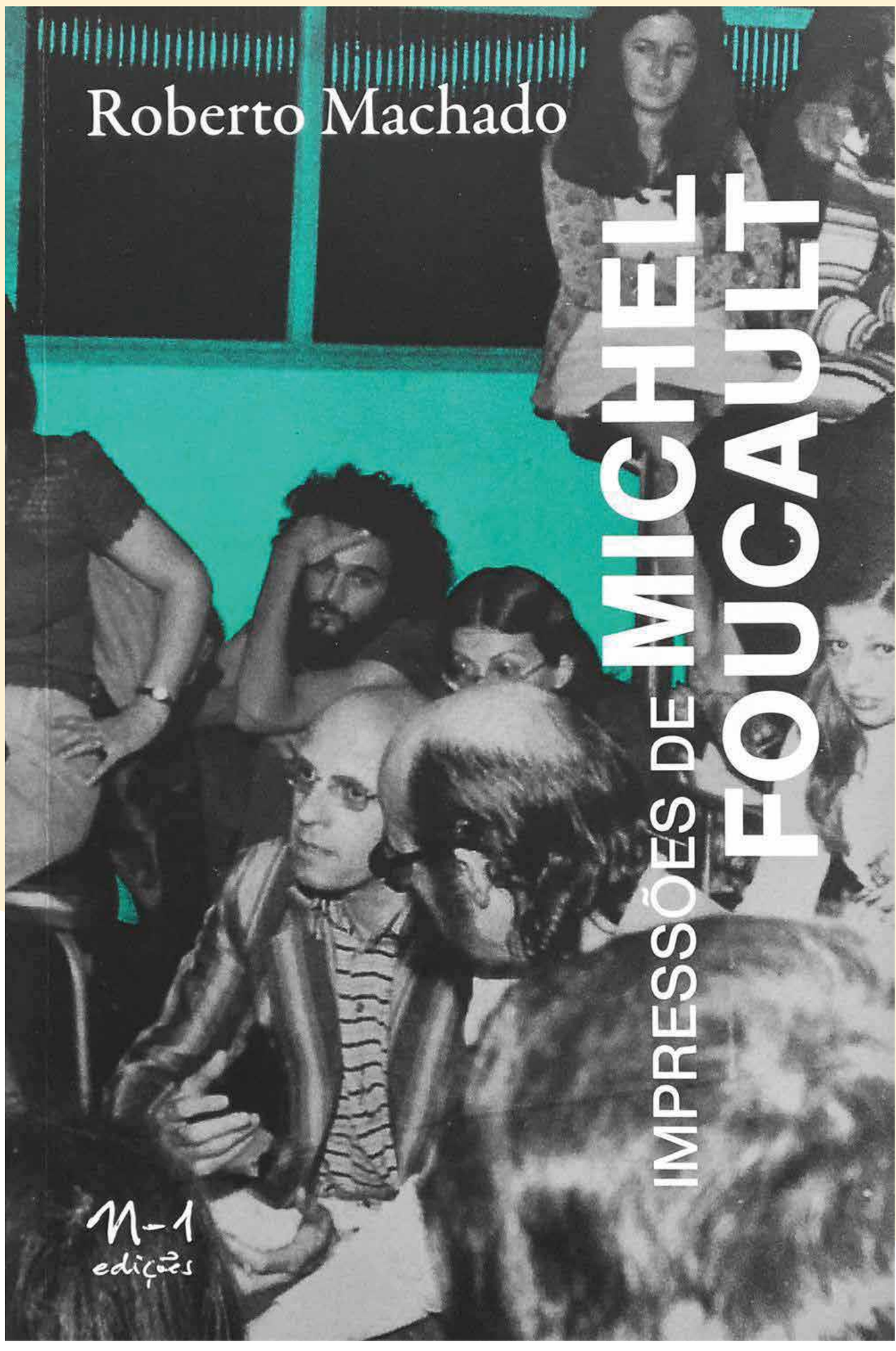
RESERVAS: EVENTOSFBP@GMAIL.COM | MAIS INFORMAÇÕES: BRACODEPRATA.COM

IMPRESSÕES SOBRE MICHEL FOUCAULT.
um romance filosófico de Roberto Machado

Por Nuno Nabais

Desde a década de 60 do século XX que a recepção de Nietzsche ficou fracturada em 3 grandes tradições. E desde então essa fractura não pára de crescer. De um lado, a tradição teológica e culturalista que insiste em ler o imoralismo de Nietzsche como um novo evangelho ou como a antevéspera do apocalipse do cristianismo e do platonismo.
Por outro lado, a tradição filológica, cultivada sobretudo pela academia alemã, dedicada a reconstruir contextos e a esclarecer conceitos em torno da edição crítica da obra completa iniciada nessa década.
Por último, a comunidade dos que procuraram fazer das páginas de Nietzsche instrumento para a criação de novas possibilidades de pensamento e de vida. Esta última tradição está marcada pelas obras imensas de autores como Deleuze, Foucault, Derrida, Lyotard (todos eles franceses).

No Brasil, talvez como resultado da necessidade de especialização rápida dos professores de filosofia, depois de mais de 20 anos de
censura e de perseguições nas universidades, a fractura entre estas três tradições foi levada a níveis absurdos. A maior parte dos estudos sobre Nietzsche publicados no Brasil são em regime de boa nova.
Repetem as grandes teses sobre a vontade de poder, a morte de Deus, o Eterno Retorno como caminhos de auto-ajuda. Já nos Departamentos que se apresentam como a elite intelectual do país, cujos professores fizeram quase sempre os seus doutoramentos na Alemanha, o trabalho está todo orientado para o que seria o sistema do pensamento de Nietzsche.

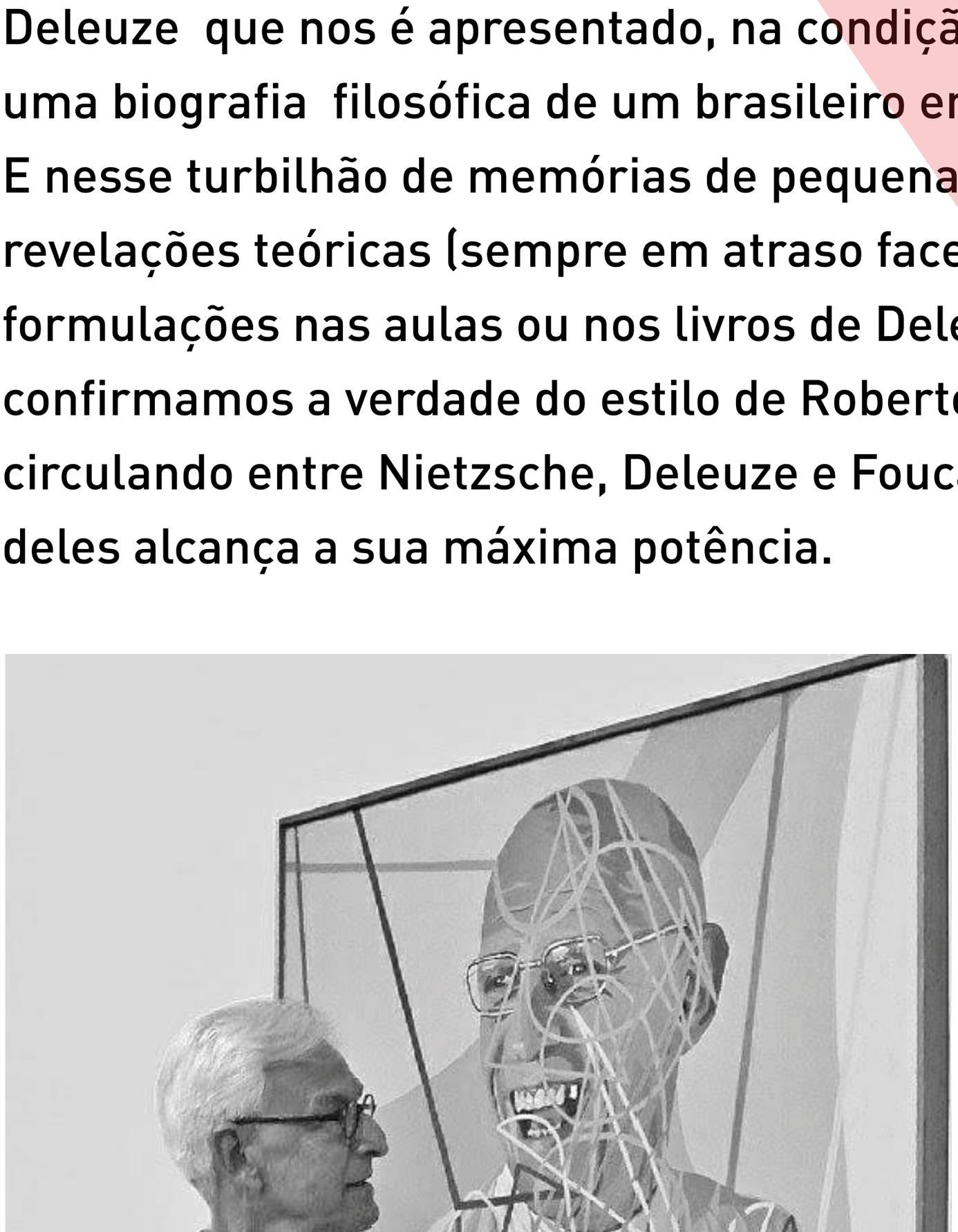


Nesse cenário, centenas de livros têm sido publicados - quase sempre teses de mestrado ou doutoramento - onde se analisa um conceito em uma ou mais obras de Nietzsche, ou onde se contrapõem as principais teses de Nietzsche a outros pensadores seus contemporâneos ou mesmo anteriores.

Poderíamos então esperar que a terceira tradição, aquela inaugurada sobretudo pelas leituras francesas de Nietzsche, constituísse uma alternativa relevante. Com efeito, o número cada vez maior de investigadores brasileiros que se dedicam a Deleuze, Foucault ou Derrida deveria conduzir a uma reabilitação do Nietzsche-ferramenta. Mas não é isso que se verifica no Brasil. Por estranho que possa parecer, os especialistas brasileiros de Foucault só conhecem Foucault, os especialistas de Deleuze só lêem Deleuze. Deste modo, é completamente asfixiado o potencial de experimentação de formas de vida e de regimes de pensamento que as leituras deleuzianas e foucaultianas de Nietzsche tinham criado nas décadas de 60 e 70.

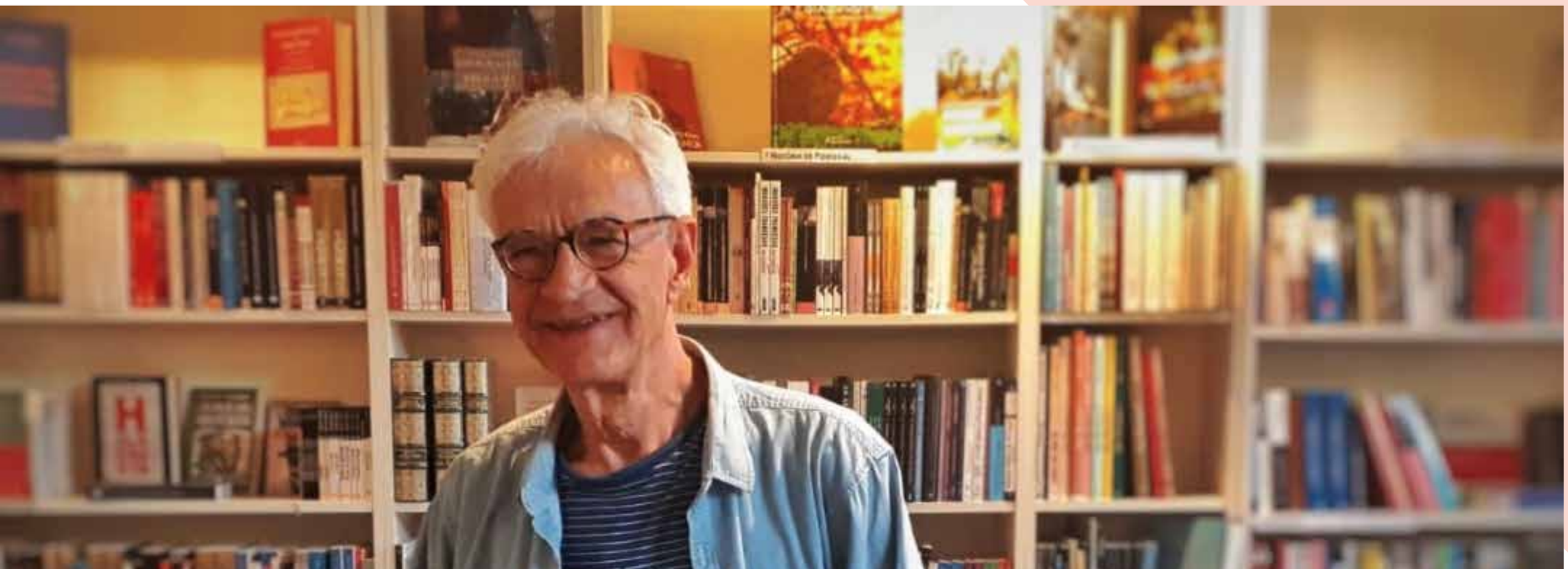
Roberto Machado é um caso absolutamente único neste cenário. Ele mostra em cada livro seu como Nietzsche só pode inscrever-se nos combates contemporâneos pelo pensamento se lido à luz de Deleuze e Foucault. Assim como Deleuze precisa de ser lido atravessado pelos universos de Nietzsche e de Foucault. E Foucault só dialoga com o presente com o martelo de Nietzsche e a teoria das multiplicidade de Deleuze. Com três livros sobre Nietzsche - Nietzsche e a Verdade, Zaratustra, uma tragédia nietzscheana, O Nascimento do Trágico - dois livros sobre Deleuze - Deleuze e a Filosofia, e Deleuze, a Arte e a Filosofia - e dois livros sobre Foucault - Foucault, a Ciência e o Saber e Foucault, a Filosofia e a Literatura - Roberto Machado criou um estilo novo na filosofia contemporânea, ao mesmo tempo que salvou a recepção de Nietzsche das tradições teológicas e filológicas. Por isso ele teve sempre uma condição de professor maldito na academia brasileira. Ele incomoda os especialistas de Nietzsche ao denunciar a sua cegueira face ao papel de Deleuze e Foucault para a compreensão do que pode ser hoje, por exemplo, a inversão do platonismo ou o retorno do trágico ou mesmo a crítica da má consciência. Como embaraça os especialistas em Deleuze ou em Foucault ao lembrar-lhes a importância da tipologia da culpa em Genealogia da Moral como inspiração da denúncia do Édipo na psicanálise ou para a crítica do modelo jurídico do poder em Vigiar e Punir.

Esta circulação virtuosa entre Nietzsche, Deleuze e Foucault encontra agora uma formulação extraordinária. Roberto Machado acaba de publicar Impressões sobre Michel Foucault. É um romance de formação, como Em Busca do Tempo Perdido. Do mesmo modo que Proust escreve um romance sobre a impossibilidade de escrever um romance, mas através do qual se transforma em escritor, Roberto Machado escreve um romance onde conta como nunca conseguiu ser escritor mas, como nessa impossibilidade, se tornou filósofo. Os seus livros acabaram todos por serem relatos de experiências de pensamento, primeiro nas leituras de Nietzsche, e, depois, nas aulas de Deleuze e Foucault nos anos 70 e 80 em Paris. E o que é mais fascinante é que, nessa longa viagem do Roberto, jovem militante de movimentos católicos de Pernambuco, até ao Roberto maduro, confidente do Foucault no momento de ruptura deste com Deleuze, é quase todo o pensamento de Foucault e de Deleuze que nos é apresentado, na condição de efeitos colaterais de uma biografia filosófica de um brasileiro entre Paris e o Rio de Janeiro. E nesse turbilhão de memórias de pequenas conversas ou de grandes revelações teóricas (sempre em atraso face aos momentos das suas formulações nas aulas ou nos livros de Deleuze e Foucault), confirmamos a verdade do estilo de Roberto Machado. É apenas circulando entre Nietzsche, Deleuze e Foucault que a obra de cada um deles alcança a sua máxima potência.



Impressões sobre Michel Foucault condensa em poucos capítulos o trabalho teórico de mais de 50 anos de vida filosófica de Roberto Machado. E, como num manto de Artur Bispo do Rosário, trás bordado nessa autobiografia cada grande episódio da história recente da recepção do Nietzsche, de Deleuze e de Foucault. Por isso ele pode oferecer uma entrada vigorosa no pensamento de Foucault, cheia de informações inéditas que apenas uma intimidade prolongada tornou possível. Mas oferece também perspectivas novas sobre temas obrigatórios na leitura de Foucault, sobretudo a propósito da História da Loucura, de As Palavras e as Coisas, Arqueologia do Saber, Vigiar e Punir e o primeiro volume de História da Sexualidade. E, recordando o projecto de Nietzsche de escrever a história da filosofia grega apenas com pequenas anedotas sobre os filósofos, Roberto Machado faz-se jornalista de quotidianos, traça um fresco delicioso dos ambientes da Universidade de Vincennes ou dos seminários no Collège de France, desde as pequenas conversas entre alunos à saída das aulas até aos jantares em casa de Foucault, onde era possível ficar à conversa com Fassbinder, Basaglia ou David Cooper.

Impressões sobre Michel Foucault é o libreto mais completo de uma grande ópera filosófica para o nosso tempo. Do mesmo modo que Nietzsche nunca desistiu de encontrar o compositor que escrevesse a partitura do seu Assim falava Zaratustra, falta agora a Roberto Machado convencer o Caetano Veloso - também estudante de filosofia nos anos 60 - a construir a versão para orquestra e voz desta tragédia do final do sec.XX.



Curso Livre de Filosofia Contemporânea da Fábrica Braço de Prata

curso de filosofia

Deleuze e a Arte

com **Roberto Machado**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Deleuze e a Filosofia

3 de outubro - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
sala 6.2.52 15h

Proust, o Amor e a Música

9 de outubro - Fábrica Braço de Prata
sala Prado Coelho 21h30

Deleuze e o Cinema

10 de outubro - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
sala 6.2.52 15h

entrada livre

info: fabricabprata@gmail.com

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

Lançamento do livro

Impressões de Foucault

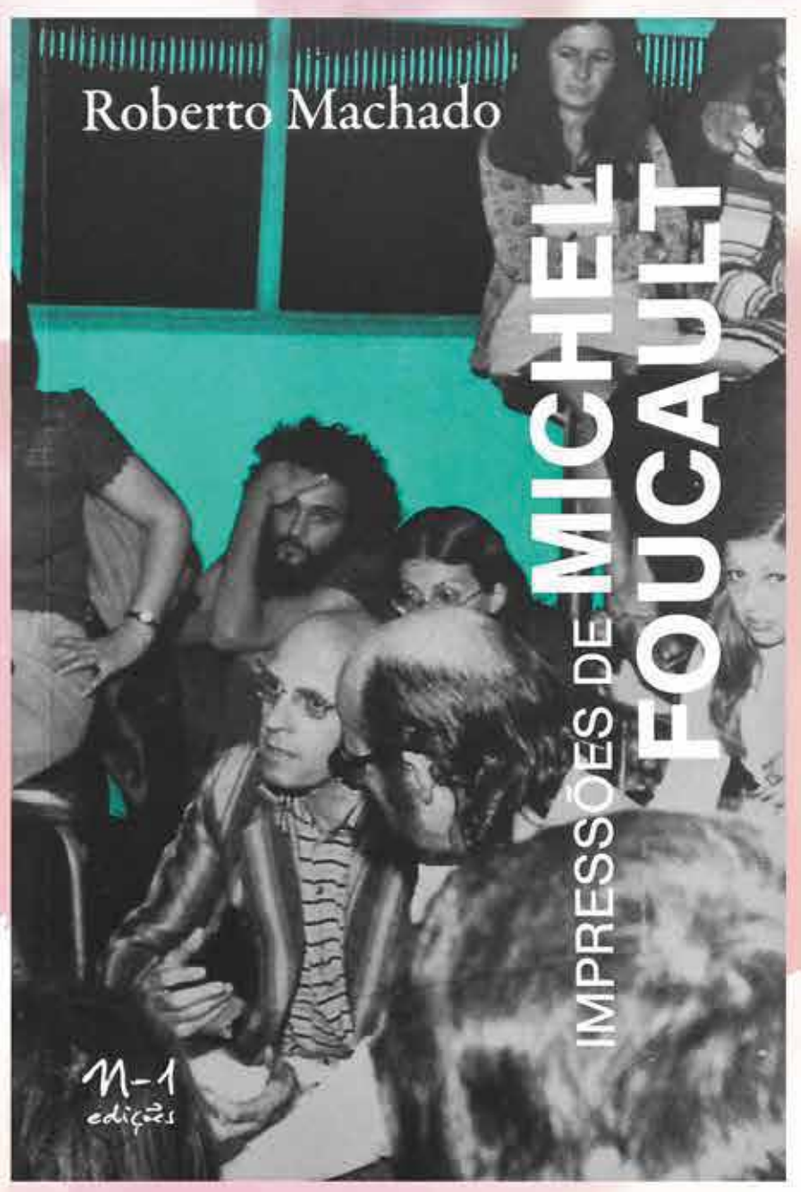
Roberto Machado*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro

5 de outubro

sala Prado Coelho

21h30

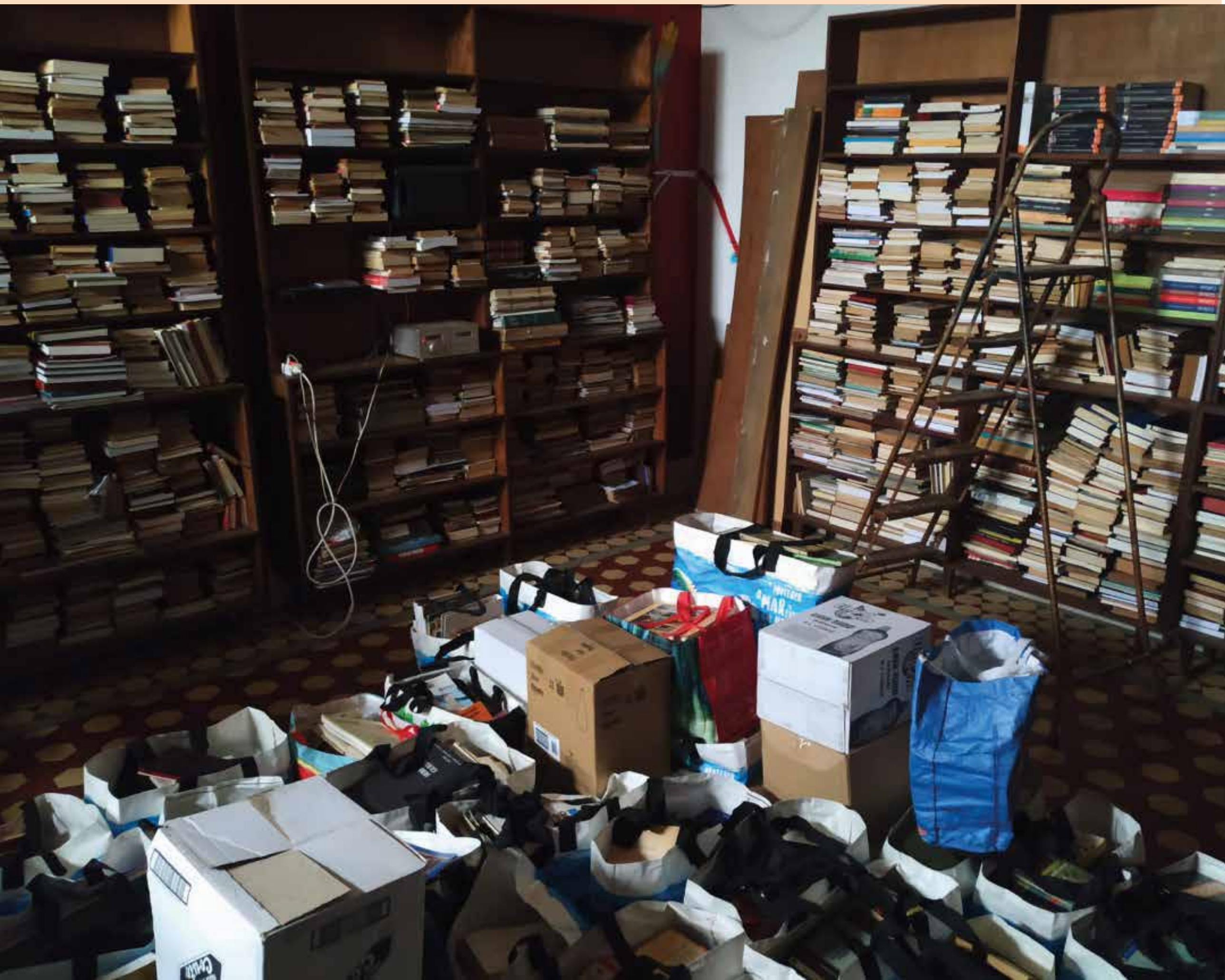


Há sempre lugar para mais um

Nuno Nabais

A Livraria Ulmeiro vai passar a habitar a Fábrica do Braço de Prata.

Precisamente no ano em que celebra meio século de existência, a Ulmeiro ficou impossibilitada de continuar a ocupar o número 13 da Av. do Uruguai em Benfica, em resultado do aumento do valor das rendas. Convidámos então o José Ribeiro a vir morar connosco e a beneficiar do facto de a Câmara Municipal de Lisboa não nos cobrar qualquer valor pela ocupação deste edifício da administração da antiga fábrica de material de guerra. Várias das nossas salas, que até agora eram dedicadas a receber exposições de artes plásticas, vão ser transformadas em livrarias. Segundo os cálculos do José Ribeiro, serão perto de 5 milhões de livros. Em regime de tsunami, vão espalhar-se pela Fábrica, aproveitando cada centímetro quadrado livre.





A Fábrica continuará com a sua própria livraria de ciências humanas e de filosofia, que ocupa as Salas Nietzsche, Saramago, Kafka e Prado Coelho. Continuaremos a ter a nossa programação (lançamento de livros, palestras, seminários) sobretudo dedicada ao pensamento contemporâneo.

A Livraria Ulmeiro, com as Salas Arendt, Duras, Rilke, Sloterdijk, Lou Salomé e Uriel da Costa, terá também a sua própria agenda de eventos.

Tirando partido do seu catálogo enquanto editora - mais de 500 títulos publicados ao longo destes 50 anos - a Ulmeiro dedicará um cuidado especial à ficção e à poesia portuguesas.

A inclusão desta antiquíssima editora e livraria no território da Fábrica do Braço de Prata permite novos planos. A Ulmeiro vai regressar ao trabalho de edição. Deste modo, os livros que já tínhamos preparado para editar pela Fábrica, serão publicados numa colecção nova a criar no catálogo da Ulmeiro.

A inauguração da nova Livraria será no dia 3 de Outubro, quinta-feira.

A partir das 18h teremos um cocktail oferecido pela Fábrica, várias pequenas palestras de amigos da Ulmeiro e, no final da noite, as duas Jam Sessions habituais das quintas-feiras.

Paragem obrigatória para Autocaravanas!

Abre a 1º de outubro a área de serviço de autocaravanas da Fábrica Braço de Prata!

Pernoita completa (estacionamento + despejos + abastecimento de água e eletricidade): 20 €

Somente pernoita: 10 €



Tola do mês



Sangria de Cidra

Pitéu do mês



Tábuas da Fábrica

A partir de Setembro há jantares musicais na Fábrica!

Segundas de Fado

na Caverna Platão



Estreia 23/09

a partir das 20h

jantar menu 15 euros

com:

Vital d' Assunção (guitarra)

Chico Madureira (fadista)

Pedro Dias (guitarra portuguesa)

Terças com Roda de Chorinho

Agenda de Concertos Setembro

4ª feira	**dia 4**	
22h30	Nietzsche	Luiza Brina

5ª feira	**dia 5**	
22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio + Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions

6ª feira	**dia 6**	
22h30	Nietzsche	Sem Receita
23h00	Visconti	Projecto Bug
00h30	Nietzsche	Forró de Rabeca

Sábado	**dia 7**	
22h30	Nietzsche	André Rosinha
23h00	Visconti	Octavio Cardoso
00h30	Nietzsche	Habana way 4to

4ª feira	**dia 11**	
21h30	Woolf	3 e um Quarto
22h30	Nietzsche	Daniel Schvetz e Helena Gonzalez
22h30	Visconti	Ibituruna & Domenico

5ª feira	**dia 12**	
22h00	Visconti	Güintervan
22h30	Nietzsche	Victor Zamora Trio + Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions
6ª feira	**dia 13**	
22h00	Visconti	Fred Selva
22h30	Nietzsche	Silvia Nazario e Cláudio Kumar
23h00	Foucault	Forró Altamente | Coroné
00h00	Visconti	Martin Zlotnicki
00h30	Nietzsche	Diego el Gavi 4to
Sábado	**dia 14**	
22h30	Nietzsche	Joana Rodrigues 4to
21h30	Chaplin	Peixes
23h00	Visconti	Tributo a Gilberto Gil
00h30	Visconti	Čao Laru
4ª feira	**dia 18**	
21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Caribbean Jazz | Karlos Rotsen Trio

5ª feira dia 19

19h00	Visconti	Bruno Buarque | Produção de Samples ao Vivo (WS)
22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio + Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions

6ª feira dia 20

21h30	P. Coelho	Conta-me tudo
22h30	Nietzsche	Ricardo Pinto Convida
22h00	Visconti	Carolina Campolina
00h00	Visconti	Forró Altamente convida Trio Mariá
00h30	Nietzsche	Chadyego Cartago trio

Sábado dia 21

22h30	Nietzsche	Michele Ribeiro
22h00	Visconti	Absolutely Anything | Jim Barnard
23h00	Visconti	Duo Rio
00h00	Visconti	Ricardo Imperatore
00h30	Nietzsche	Miguel Amado
01h30	Visconti	DJ 440 (Brasil)

2ª feira dia 23

22h30	Platão	Fado na Mesa

3ª feira dia 24

22h30	Platão	Roda de Choro

4ª feira dia 25

21h30	Prado Coelho	
22h30	Nietzsche	Ibituruna convida Ha Kwai & Mama Tjutju
23h00	Visconti	Bossa & Morna

5ª feira dia 26

22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio + Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions

6ª feira dia 27

22h00	Visconti	Mauricio Ribeiro
22h30	Nietzsche	Victor Zamora trio
23h00	Prado Coelho	Swing Station
23h00	Foucault	Viva o Samba
00h00	Visconti	Zakouska (balcan music)
00h30	Nietzsche	Boy Ge Mendes

Sábado dia 28

KORA FEST